

Jornalismo e literatura, o encontro possível

Roberto Nicolato*

O namoro entre jornalismo e literatura é antigo. A aproximação dos dois gêneros (se assim podemos defini-los) começa no século XVIII e, ao longo da história, eles se confluem e divergem numa contaminação incessante, que ocorre em maior ou menor grau, na medida em que cada um deles é ameaçado pela crise de criatividade, ou quando estão em xeque suas funções e representatividades numa sociedade em contínuo processo de mudanças.

Se cada um dispõe de sua própria especificidade, com técnicas e estilos diferenciados, a natureza dessa contaminação ocorre muito mais no campo do discurso, muito embora a função exercida por ambos, e no caso específico da atividade jornalística - pretensamente comprometida com verdade dos fatos - tenha sido determinante para a busca da construção de uma linguagem objetiva para retratar uma realidade em que são apagadas quaisquer marcas de subjetividade e de autoria.

É sob esse aspecto que o Brasil, a partir da década de 1960, passa a rezar a cartilha da Escola Norte-americana. Essa prática ganha ênfase a partir dos anos 80, traduzida num jornalismo que prima pela clareza, objetividade e concisão, como se a realidade pudesse se apresentar por si só sem a interferência do processo de escolha, dos pontos de vista, dos enfoques e das hierarquias nas decisões editoriais.

Se a natureza do pacto ético, pela busca da verdade, levou o jornalismo a trilhar o caminho de um discurso, diria, unívoco, a literatura inaugurou o século 20 sob uma crise de representação, provocada pelo surgimento da reportagem e pelo próprio esfacelamento e fragmentação do tecido social. Dessa forma, a literatura trouxe para si novos modelos do discurso, alimentando-se não só da criatividade, mas de uma imaginação tão fecunda que tanto podia fincar pé na realidade

Biografia

* Roberto Nicolato é jornalista, professor de Redação Jornalística da Faculdade do Brasil e mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.

quanto nas mais expressivas abstrações.

A verdade é que em toda a história o jornalismo nunca esteve tão distante da literatura como agora. Essa fórmula que buscou construir um discurso próprio e um estilo específico, pretensamente neutro e autônomo, pelo menos no Brasil, já começa a dar sinais de desgastes, como atestam muitos dos textos, de pobreza vocabular e de argumentação, sem precedentes. Na opinião de Daniel Piza, editor-executivo e colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*, os gêneros literários estão “perdendo espaço não só porque os jornais diários os menosprezam, mas porque o interesse espontâneo do leitor pela ficção diminuiu”. Completando o raciocínio, há de se convir que a realidade já atingiu o universo da ficção, de modo que a literatura representativa do real, como a que sempre grassou nas páginas dos jornais, infelizmente parece não ter mais lugar aos olhos do leitor.

Daniel Piza vai mais longe ao propagar que esse distanciamento entre o discurso jornalístico e o literário tem o seu preço: “Qualquer lide de jornal americano e europeu de gabarito tem mais criatividade e sutileza, inclusive quando tratam de notícias policiais e dados econômicos, do que seus exemplares brasileiros. É preciso perder o medo de usar as palavras menos óbvias, fugir do lugar-comum, costurar melhor as descrições e argumentos, acrescentar pitadas de humor, ironia e até lirismo, usar recursos como metáforas, trocadilhos e mudanças de andamento”. Enfim, recursos dos gêneros literários, muito embora o colunista não defenda o *new journalism* norte-americano que, na sua opinião, praticou mais delírio ficcional que testemunho jornalístico.

O distanciamento de qualquer caráter subjetivo e da origem da narrativa jornalística na história e na literatura, por sua vez, não ocorreu apenas no espaço das redações, mas também na reorganização, na década de 90, dos currículos das faculdades de Comunicação de todo o país. Deixou-se de oferecer literatura, sobretudo contemporânea, como disciplina, em favor de um conteúdo mais tecnicista e pragmático.

O que Daniel Piza faz é apenas jogar um pouco de lenha na fogueira das discussões que cercam um tema ainda carente de estudos específicos no Brasil, muito embora venha atraindo mais atenções do mundo acadêmico. As próprias argumentações do colunista dão conta disso ao estarem editadas num livro pequeno no tamanho, mas enorme na diversidade de opiniões sobre a temática: *Jornalismo e Literatura – A Sedução da Palavra* (180 páginas), organizado por Gustavo de Castro e Alex Galeno, com chancela da pouco conhecida Escrituras Editora de São Paulo.

Trata-se de um dos títulos da coleção *Ensaio Transversais*, transversos e interdisciplinares, projeto bem sucedido neste momento em que os gêneros se contaminam e se confundem. A obra traz 18 ensaios sobre o tema, respaldados por professores universitários, jornalistas, pesquisadores e escritores do calibre de Moacyr Scliar, José Marques de Melo, Daniel Piza, Manuel Angel Vasquez Medel, Deonísio da Silva, Rildo Cosson, Nanami Sato, entre outros.

É apenas o começo de uma conversa que pode se tornar cada vez mais produtiva. Isso porque se o namoro entre os dois gêneros é antigo, a forma de descrevê-lo e entendê-

lo pelo menos no Brasil ainda deixa a desejar, com raríssimas exceções feitas aos trabalhos de Antônio Olinto, além dos poucos ensaios e teses acadêmicas.

Ao contrário, em países como a Espanha, essa temática é respaldada por uma farta bibliografia a respeito, o que pode ser constatado nas citações de inúmeras obras de autores espanhóis utilizadas pelo catedrático em Literatura e Comunicação da Universidade de Sevilha, Manuel Angel Vásquez Medel, no ensaio que trata das divergências e convergências do discurso literário de jornalístico. Ele põe o dedo na ferida e, de chofre, atesta: “As relações entre criação literária e jornalismo têm sido problemáticas desde seus inícios. Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e fruitiva, deve encaminhar-se para o essencial humano, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro, circunstancial (e sabemos até que ponto a vertigem informativa devora a estabilidade e permanência dos acontecimentos)”.

As discussões do catedrático espanhol se encaminham para outra polêmica nada recente: se o jornalismo pode ou não ser alçado à categoria de literatura, embora muitos críticos e escritores torçam o nariz quanto a isso, para Octavio Paz, no entanto, a separação entre eles se dá apenas no estilo. Vasquez Medel termina o ensaio propondo um programa comparativo e multicultural de investigação sobre os dois gêneros que contemplam pelo menos cinco itens, exercício que pode ser de grande valia àqueles que têm interesse em realizar novos estudos sobre a temática no Brasil.

Se o jornalismo é parte integrante ou não da literatura, o fato incontestável é que o encontro entre os dois discursos são muito bem datados. Inicia-se com o surgimento das revistas culturais no século XVIII, e ganha força no século seguinte com o chamado folhetim, um espaço destinado aos escritores para publicar crônicas e até capítulos de livros, como o fizeram Machado de Assis, José de Alencar, entre outros.

De Hemingway a Gabriel Garcia Márquez, passando pelos brasileiros Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha e Nelson Rodrigues, a prática do jornalismo exerceu algum tipo de fascínio e de aprendizagem, seja no início ou no decorrer de suas atividades profissionais.

Nas décadas de 1950 e 1960, foi a literatura que invadiu as redações norte-americanas com Truman Capote cunhando a expressão *new journalism* ao fazer da reportagem uma obra de ficção, a ponto de este tipo de diálogo fugir ao universo testemunhal da realidade e cair no descrédito. O auge dessa experiência se deu com o desmascaramento da jornalista Janet Cooke, premiada com o Prêmio Pulitzer, em 1981, com uma reportagem fictícia.

Não se pode esquecer ainda que no Brasil a década de 70 foi prolífera quanto à produção de romances-reportagens, gênero baseado em fatos reais com uma pitada de literatura, dos quais podemos citar como exemplo *Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia*, de José Louzeiro, e *Porque Cláudia Lessin vai Morrer*.

Rildo Cosson, doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, prefere inclusive utilizar o tom metafórico para

dar conta da contaminação do jornalismo (império dos fatos) e da literatura (jardim das imaginações) através do romance-reportagem.

A experiência brasileira também não teria sido tão fértil sem os exemplos da *Revista Realidade* que, nas décadas de 60 e 70, enveredou pelas reportagens-crônicas e reportagens contos, com direito a diálogos e histórias capazes de prender a atenção do leitor do início ao final do texto, sem prejuízo da informação.

Entre todos os ensaios contidos no livro *Jornalismo e Literatura – A Sedução da palavra*, a sensação que fica é a de que o modelo de prática jornalística adotado hoje está em crise, e que mais uma vez a literatura poderá oferecer uma grande parcela de contribuição. Para o jornalista e professor do Centro Universitário de Brasília (UniCeub) e da Universidade Potiguar (UnP), Gustavo de Castro, a saída é investir na narração, na velha fórmula da boa história, sem deixar de mesclar a velha regra do lead americano. Alex Galeno, por sua vez, acredita que “a literatura deverá ser o fermento para desobstruir a imaginação jornalística e um meio de evitar que ela se transforme em mero exercício retórico do cotidiano”.

Na verdade, a crise enfrentada pelo jornalismo impresso (conforme demonstra a queda expressiva na tiragem dos jornais diários) assume vários contornos e compreende desde a disputa dos leitores com o surgimento de novas mídias, como a internet, até o fato de ele ser tratado como mero consumidor e não mais como cidadão. A literatura, nesse universo de causas bem pontuais, poderia contribuir com o aprimoramento do discurso, o que não é pouco numa sociedade repleta de imagens e pouca leitura. ■